**PROFESSOR ANCESTRAL: Preto Velho traçando o rosário no terreiro-escola**

Bruna Maria de Almeida Luiz - SEEDUC

A proposta do presente escrito, firma ponto desde as confluências de saberes cotidianos e filosofias de terreiros como uma das possibilidades de caminhos assentados em lógicas outras de entendimentos e práticas responsáveis com a pluralidade de existências, ou seja, da Educação como um radical da Vida. Com o Preto Velho, Pai Joaquim da Calunga, e a pedagogia do rosário, desdobram-se *ensinagens* que podem transmutar o assombro colonial, onde o *não-ser* transformar-se em *ser-conta* do rosário, percebendo possibilidades de caminhos a partir da nossa própria identidade e ancestralidade. É a circularidade que pode trazer o princípio da continuidade, inacabamento, tudo que não é possível se esgotar em uma resposta pronta e caminho único. Sendo nós, regentes de nosso próprio percurso, gera-se autonomia e liberdade de continuar a gira de forma potente, encantada nessa travessia mundana, sempre na narrativa do *ser-conta*, nunca em sentido subordinado, invisibilizado, mas circular e fluido.

**Palavras-chave**: Educação. Terreiro. Escola. Contracolonização.

 Esta proposta risca os caminhos a partir de saberes assentados nas práticas afro-ameríndias com a orientação do professor ancestral Pai Joaquim, Preto Velho que baixa em um Terreiro de Umbanda. Rodopiando nos moldes civilizatórios de uma cultura hegemônica, cruzando possibilidades outras de ser e estar no mundo, Nego Veio inspira as ações do rosário pedagógico na vida de corpos plurais nos espaços escolares e que muitas vezes incutem a ideia de serem fadados a determinados fins negativos nas periferias. Algumas das ações praticadas na escola, a partir das *ensinagens* de Pai Joaquim, podem ser exemplificadas com o Projeto Tocando Corações, no CIEP Cora Coralina em Duque de Caxias, onde estudantes produziram materiais em forma de fotografias, vídeos, histórias e o que mais surgisse da criatividade, fazendo circular em meios virtuais, como forma de propagação positiva para o público em geral, com a finalidade de que, por meio do conhecimento e da arte, existisse um fortalecimento mútuo de combate à COVID-19 e seus desdobramentos. Com a volta presencial, a partir dos debates sobre povos indígenas, preservação da natureza e marco temporal, estudantes construíram uma árvore questionando a “utilidade da vida”, baseados em debates fundamentados em escritos de Ailton Krenak. As vivências e experiências de alguns estudantes partilhados no projeto, geraram poesias publicadas no livro “Sarau Afroindígena”. Nas demandas do dia a dia, “Potências Femininas” também foi atividade propulsora do reconhecimento da pluralidade do feminino e das lutas pela equidade de gênero!

Mergulhar nas profundezas do Brasil em seus fundamentos indígenas e africanos nesse caso específico, desde um terreiro de Umbanda e os cotidianos da escola, podem abrir campo para o tratamento do terror colonial, insistindo na roda da alteridade, reconhecendo o mundo composto por uma pluralidade de seres e recriando práticas educativas, inclusive na escola, refletindo quem são esses corpos proibidos de rodopiar… Pensando nas filosofias afrodiaspóricas, o corpo como integridade do ser, como lançar esses corpos a um exercício de emancipação e autonomia a partir da pedagogia do rosário, onde Pai Joaquim inspira o desate de nós coloniais que enclausuram esses arquivos de saberes; tendo em vista que em todo processo educativo o corpo é a primeira zona de contato e posicionamento do ser no mundo?

As *ensinagens* em uma perspectiva da professora Vanda Machado (2017), onde a pessoa é instigada a entrar em seu próprio caminho, sina, do jeito que se é, cabe aqui como um dos processos das entrevistas-consultas, abordagem metodológica utilizada no decorrer das pesquisas que venho realizando, em que a pesquisadora cambona (RUFINO, SIMAS, 2018) entrevista as entidades em um espaço de consulta. Nesse sentido, há entrelaçamentos de metodologias, da pesquisa e da entidade em questão. Pai Joaquim, por exemplo, com os questionamentos feitos, nos instiga a buscar compreender nossos próprios momentos no mundo, fundamentar nossa vida e, com responsabilidade, responder aos processos comunitários, sendo elos firmes do rosário social. Muitas vezes dando respostas para as nossas perguntas com novos questionamentos, *Nego Veio* nos faz exercitar o autoconhecimento, o reconhecimento do que nos envolve e assim perceber as possibilidades de caminhos a partir da nossa própria identidade. É a circularidade que pode trazer o princípio da continuidade, inacabamento, tudo que não é possível se esgotar em uma resposta pronta. E assim, sendo nós, regentes de nosso próprio percurso, gera-se autonomia e liberdade de continuar a gira de forma potente e encantada nessa travessia mundana, sempre na narrativa do ser-conta do rosário, nunca em um sentido subordinado, preso e invisibilizado, mas circular e fluido.

Diante dessas *ensinagens* de Pai Joaquim, muitas vezes através de seu rosário, a entrevista cruza com a consulta, pois quem entrevista recebe as mandingas apalavradas do Preto Velho que vai perpassando pesquisa e vida como um todo.

É bonito de se ver

Pau seco florar

É bonito, venha ver

Preto Velho trabalhar

(Ponto de Preto Velho)

 A proposta é fazer florar os espaços e os corpos a partir da ancestralidade que incorpora a raiz identitária, trazendo à tona a memória como prática de cura pelo não apagamento de quem se é.

 Um dos grandes papéis da professora e do professor é mostrar o fundamento da encruzilhada e diante dessas *ensinagens*, que consideram valores, vivências e saberes de estudantes, fazer com que estes encontrem seu caminho no mundo.

O vento vai soprando nas matas

Jogando as folhas da jurema no chão

Os ventos vão soprando

As folhas vão caindo

Cabocla apanha as folhas com a mão

(Ponto de Oxóssi)

 Enquanto o vento tira tudo do lugar, um espaço para ressignificações é instaurado na ação da cabocla Jurema, por exemplo, de pegar as folhas no chão. O fôlego é ressignificar a luta. Cantar e encantar a folha, perceber o sentido comunitário de caboclos e caboclas, partilhando esse chão, inscrevendo vida e a compreendendo de uma forma ecológica; salvando a existência. Okê Arô![[1]](#footnote-2)

 Na lógica de uma Educação como experiência de liberdade do ser e de acúmulo de força vital, como axé, a responsabilidade é desatar esses nós da violência colonial. Na disputa pela afirmação da vida, Pai Joaquim firma ponto, percebendo na encruzilhada possibilidades múltiplas de travessia no mundo. São saberes outros que bradam no terreiro-escola, que subvertem a lógica colonial assentando o terreiro-mundo!

**Referências:**

FANON, Frantz. **Os condenados da terra.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira S.A, 1968.

FERREIRA, Tassio. **Pedagogia da circularidade:** ensinagens de terreiro. Rio de Janeiro: Telha, 2021

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

KRENAK, Ailton. **O Amanhã não está à venda**. São Paulo: Editora Schwarcz S.A, 2020.

MACHADO, Vanda. **Pele da Cor da Noite**. 2.ed. Salvador: EDU-FBA, 2017.

RUFINO, Luiz, SIMAS, Luiz Antonio. **Fogo no mato:** a ciência encantada das macumbas. Rio de Janeiro: Mórula, 2018.

1. Saudação aos caboclos e caboclas falangeiros/as do Orixá Oxóssi. [↑](#footnote-ref-2)